

---

## A criança e a cidade. Independência de mobilidade e representações sobre o espaço urbano<sup>1</sup>

*Maria João Malho*<sup>2</sup>

O mundo visto e entendido pela criança, não é, obviamente como o do adulto, pela simples evidência de que uma criança não é um adulto. Mas o adulto também não pode *ver* o mundo que a criança vê, mesmo que “tente” fazê-lo como criança.

Há, pois, que saber o que *dizem* as crianças.

Para James e outros (1998), o mundo visto pelas crianças parece ser de facto diferente, do que, por muitos autores, lhes é atribuído, inclusive se se tiver em conta o género, pois a aquisição da noção espacial criada pelas crianças é *deduzida* num processo influenciado pelo papel sócio-cultural, que nomeadamente os géneros também desempenham.

A infância é uma parte da sociedade, com uma dinâmica própria que precisa ser estudada como categoria social autónoma, que é. As crianças não podem ser vistas como “*peças que serão*” (Qvortrup, 2000). Tendo em conta o mundo actual que vivemos, em constante transformação, muito complexo e multifacetado, não se deve, no nosso entender, considerar apenas uma infância, um mundo infantil, mas sim infâncias, mundos sociais e culturas infantis diversos (Sarmiento e Pinto, 1997; McKendrick, 2000; Sarmiento & al., 2000; Pinto, 2000). Naturalmente que certa cultura da infância será universal, mas a vida de cada criança, sua colectividade ou grupo, é pessoal e única. Por outro lado, a noção de infância, não devendo generalizar-se como uma categoria social fechada e indiscutível, está dependente e concordante com as “*circunstâncias*” (Gomes-Pedro, 1999) específicas de vida.

Assim, as experiências sociais que as crianças têm, ou possam ter, estão dependentes dos seus “*contextos de vida*” (Bronfenbrenner, 1979, 1996, 1999), bem como dos ritmos da vida doméstica, na colectividade, da vida escolar. As acções e interacções permanentes, onde a emoção desempenha o papel mais decisivo para a organização dos vários sistemas de comunicação interpessoal, permitem à criança experiências de vida (contexto-pessoa) que a levam a descobrir e desenvolver os seus próprios processos adaptativos, as suas competências para a integração social dinâmica. Essa descoberta e o desenvolvimento desses processos adaptativos dependem ainda da possibilidade que lhe for facultada de estruturar e identificar o meio ambiente; quando tal acontece, verifica-se uma actividade essencial para a criança, a de, por si, desenvolver e poder elaborar imagens claras e organizadas dos seus contextos, de poder desenvolver capacidades de orientação, de criação e identificação de símbolos colectivos e individuais de comunicação, entre grupos, e a partir de espaços (aproximação / afastamento) (Laborit, 1971; Lynch, 1982; Piaget, 1993; Santos, 1982). Inicia-se a relação material e intelectual com o espaço (com o meio, e bem assim com os recursos) e as decorrentes maneiras de viver (Topalov, 1994; Lamy, 1996; Roche, 1999).

A visão que têm da cidade, sendo esta entendida como o habitat natural do homem civilizado, dependendo naturalmente das suas ideias e opiniões sobre as coisas, depende sobremaneira do que lhes é permitido viver na, e da cidade. É através das experiências vivenciadas que a criança selecciona, modifica e cria percepções e representações sobre o que a rodeia. A imagem da cidade, a imagem ambiental, essencial para a possibilidade de vida, permitindo desenvolver a memória topográfica e, conseqüentemente, a mobilidade intencional, é a resultante da vivência de cada pessoa, da sua envolvimento na vida urbana e na participação.

Movimento e corpo, além de um significado expressivo, têm um significado existencial. Para Madeira (1979:26) “*corpo é um complexo substrato de sensação, percepção e*

---

<sup>1</sup> Este texto resulta da dissertação de Mestrado, na área da Ecologia Humana e Problemas Sociais Contemporâneos, apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, a 21 de Julho de 2003.

<sup>2</sup> e-mail: iac-alc@netcabo.pt

*movimento*”, o corpo é uma condição humana de inserção no mundo. É a partir das experiências motoras que se realiza o conhecimento corporal, que se compreende e interioriza o sentir, condição indispensável para a construção da própria existência. A criança realiza na motricidade - uso do espaço, qualquer que seja - o reconhecimento do seu Eu, do mundo exterior, do outro, e da passagem à acção. A criança necessita de tempo e espaço para brincar, de forma livre e espontânea, necessita sentir segurança nas actividades de brincadeira que realiza, para que, em simultâneo, se desenvolvam mecanismos mentais de segurança emocional e íntima. E, neste contexto, o risco, a aventura, o autocontrolo, a iniciativa, o confronto com situações não comuns do seu dia-a-dia, a partilha, a resolução de problemas, o saber estar e habitar o espaço individual e o espaço dos outros ..., são factores / acontecimentos / acções essenciais para que a criança desenvolva capacidades de vida em grupo, em síntese, para que se torne para além de "*indivíduo biológico, em homem social*" (Laborit, 1971). Ou seja, para que o corpo se afirme e se reconheça como tal, precisa de espaço (life / space) e de tempo (tempo de acção). A vida das crianças nas cidades é essencial neste processo; vem, todavia, a sofrer alterações substanciais de há décadas, sobretudo em termos das suas "*possibilidades de acção*" (Neto, 1999). Neste trabalho, "*as possibilidades de acção*", derivam da independência de mobilidade<sup>3</sup> entendida como a capacidade de autonomia, ou seja, a possibilidade de tomar decisões por si própria, da mobilidade da criança face ao envolvimento físico. Porque vários estudos<sup>4</sup> vêm defendendo a independência de mobilidade como um factor "*crucial no desenvolvimento da criança*" (Neto, 1999:52), entende-se que um dos melhores indicadores para analisar a independência de mobilidade na criança é tentar saber a maior distância percorrida por ela, sozinha e/ou com amigos da mesma idade, ou com idade próxima; analisar o trajecto – casa / escola / casa mais comumente feito pelas crianças; qual o modo de deslocação utilizado nesse percurso pois a distância é um dos factores mais limitantes nessa independência de mobilidade; quem acompanha a criança nos seus percursos diários mais comuns; qual a frequência, ou não, de locais públicos e quais os motivos referidos pela criança para essa frequência; na realização ou não de visitas a amigos / colegas ... Sabe-se que o espaço público, mais especificamente a rua, é um espaço potenciador de jogo; todavia está a deixar de ser o lugar do contacto / interacção com outras crianças, isto é, de ser o local privilegiado da brincadeira, do convívio espontâneo e livre entre gerações, está progressivamente a desaparecer na cultura lúdica da criança (Neto, 1998; 1999i; 1999ii). Mas também, segundo o mesmo autor, "*a rua não é só um espaço onde circulam carros e gente apressada, mas sim um espaço de encontro, descoberta e até desordem*" (Neto, 1999:12). Ainda segundo o mesmo autor (1999:49) "*brincar na rua é em muitas cidades do mundo uma espécie em vias de extinção*". O espaço, a cidade, a percepção e a representação que deles vê a criança, é próprio dela, e deve ser conhecida de todos os que tenham responsabilidades de planeamento.

Acresce que, enquanto criança, tem um mundo próprio, mundo da diferença. E hoje a ciência não pode deixar que esse mundo da diferença não seja objecto do conhecimento. É pois adequado estudar, ver, o mundo, através dos olhos das crianças, buscando-se uma aproximação ao seu Eu, à sua cultura, ao seu modo de ver e viver a vida quotidiana, no caso deste estudo em

---

<sup>3</sup>"O conceito de independência de mobilidade deverá ser entendido numa perspectiva evolutiva, isto é, como a criança desenvolve ao longo do tempo uma representação mais consistente do espaço físico (memória, percepção, identificação) bem como uma liberdade progressiva de acção no espaço quotidiano de vida" (Neto, 1999:52).

<sup>4</sup>Hillman, M. & Adams, J. (1992). Children's freedom and safety. *Children's Environments*, 9, 2, (11-22); Kitta, M. (1995). The affordances of urban, small town, and rural environments. Comunicação apresentada na conferência internacional, *Buildings Identities - Gender Perspectives on Children and Urban Space*, Amsterdam: Gender Studies Department of the Royal Dutch Geographical Society; Heurlin-Norinder, M. (1996), Children, environment and independent mobility, estudo incluído no projecto *Children-Traffic-Environment*, Education Institute of Stockholm; Van Der Spek, M. & Noyon, R. (1995). Children's freedom of movement in the streets. Comunicação apresentada na conferência internacional *Buildings Identities - Gender Perspectives on Children and Urban Space*, Amsterdam: Gender Studies Department of the Royal Dutch Geographical Society; Vercesi, M. (1999). Milan: a city at play? A survey of the independent mobility of children. Comunicação apresentada XIV IPA World Conference *The Community of Play*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana; Arêz, C. & Neto, C. (1999). The study of the independent mobility and perception of the physical environment in rural and urban children. Comunicação apresentada na XIV IPA World Conference *The Community of Play*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

relação à cidade, cidade como cenário social, com a sua família, os seus amigos, os seus espaços de vida, as suas “*circunstâncias*”.

O objecto de estudo é, pois, a criança. A criança como actor social autónomo, entendida em si e a sua “*circunstância familiar*” (Gomes-Pedro, 1999).

Considera-se que a organização da vida quotidiana em meio urbano é um problema social e político na medida em que é necessário saber e perceber se a vida urbana está organizada de modo a ter em conta as necessidades das crianças e seus problemas. A pertinência do estudo prende-se, por isso, com a necessidade de se estudar a criança como “*uma categoria social autónoma*” e de desenvolver metodologias adaptadas a esta realidade. O trabalho tem por isso a natureza de um estudo exploratório de como são percebidas, e compreendidas pelas crianças, as rotinas de vida em meio urbano e os seus significados, implicando os respectivos contextos de vida.

Apesar de aparecerem com frequência na comunicação social, na publicidade, e como instrumento de propaganda política, as crianças não são ainda, na realidade, uma prioridade que tenha tradução prática em atitudes, actos ou decisões políticas consequentes, credíveis e reais. A abordagem exploratória abrange três dimensões:

- Rotinas de vida em meio urbano
- Independência de mobilidade
- Percepção e representação sobre o espaço urbano.

No campo da problematização, consideramos que muitos aspectos do desenvolvimento económico, social e cultural, tal como a organização sócio-familiar que deles decorre, estão na origem de situações disruptivas graves, assim como disfunções sociais que se reflectem na organização da vida das pessoas, na organização dos espaços, nos horários de vida das famílias em suma, uma certa desorganização decorrente da falta de adequado planeamento, no qual se inclua a criança como dado da questão, dificulta o surgimento e a existência de ambientes favoráveis em que se desenvolva uma efectiva qualidade de vida.

No planeamento e organização dos espaços raramente são tidos em conta as necessidades físicas e psíquicas da criança, o acesso a determinadas experiências vivenciais e corporais fundamentais para o seu desenvolvimento saudável e harmonioso. É a partir do conhecimento dos contextos reais de vida das crianças, das suas rotinas, das suas percepções e representações, que será possível pensar, planear e realizar intervenções mais correctas junto das entidades responsáveis, com vista à alteração ou modificação de determinados aspectos do planeamento e da organização que prejudicam e impedem uma boa integração das crianças, através de um uso mais correcto dos espaços, do corpo e de formas de ocupação de tempos, nomeadamente dos tempos livres.

Este trabalho de investigação tem um carácter exploratório, quer ao nível do seu objecto, quer ao nível dos processos metodológicos utilizados. Para se conhecer e melhor dar a conhecer a realidade de vida de algumas crianças que vivem em meio urbano, parte-se das seguintes questões de investigação:

- Que tipos de rotinas apresentam as crianças, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, a frequentar o 4º ano de escolaridade em escolas de Lisboa?
- Qual o nível de independência de mobilidade no espaço urbano?
- Que representações mentais têm as crianças sobre o espaço urbano?

Ao nível dos procedimentos considerou-se:

Definição da amostra - crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, a frequentar o 4º ano de escolaridade de escolas de Lisboa.

Breve caracterização das instituições escolares onde contactamos as crianças - duas escolas da rede pública e uma escola privada, na zona ocidental da cidade (zona de trabalho da autora<sup>5</sup>).

Escolha, construção, aferição e critérios de eleição dos instrumentos de pesquisa - tendo em conta o objectivo do trabalho, ouvir, estudar e perceber a criança através do seu próprio “dizer”, é um trabalho fundamentalmente qualitativo e de interpretação do discurso da criança.

Operacionalização da pesquisa junto das crianças - obtenção das várias aprovações para o contacto com as crianças e preparação da autora no que se refere à disponibilidade demonstrada, ao afecto, necessários à interacção com uma amostra com características muito próprias, as crianças. Salienta-se o cuidado a ter e a postura, dado que, não fazendo parte da escola, a autora tem que aparecer junto das crianças nessa posição, isto é, exterior à escola, mas com uma relação pedagógica com aquelas crianças, tendo sempre presente que essa relação se efectua pela oralidade. Procura-se criar sempre, nas várias fases do levantamento dos dados e da informação, um espaço de interacção mútua, embora de modo diverso do que as crianças estão habituadas, quer no meio escolar, quer no seu meio familiar, mostrando atitudes de atenção para com as crianças, interessando-se por tudo aquilo que a criança tem para dizer, escrever, ou fazer.

Quanto à amostra, é constituída por crianças de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos, a frequentar o 4º ano de escolaridade, em estabelecimentos de ensino<sup>6</sup>, duas escolas da rede pública (escolas 1 e 2) e uma escola privada (escola 3).

#### **Quadro 1 – Número de crianças por escola**

	Escola 1		Escola 2		Escola3		
Idade/Sexo	F	M	F	M	F	M	Total
9 anos	3	2	5	3	6	10	<b>29</b>
10 anos	4	2	2	5	3	3	<b>19</b>
11 anos	0	0	0	0	0	0	<b>0</b>
12 anos	1	1	1	2	0	0	<b>5</b>
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>13</b>	<b>53</b>

A opção de trabalhar com crianças nestas idades justifica-se, embora existam limitações (Qvortrup, 1994), pois esta fase etária corresponde a um período fundamental para o desenvolvimento social da criança ao longo do qual adquire novas regras, está capaz de estabelecer novas relações sociais, e reformula a sua visão e compreensão sobre o mundo (Piaget & Inhelder, 1997).

Como instrumentos de pesquisa foram adoptados um texto livre e um questionário.

O texto livre, é redigido pelas crianças a partir da questão única e igual para todas as da amostra - O QUE É UMA CIDADE? Os textos são alvo de uma análise do discurso escrito a partir da qual é construída uma grelha com os “pensamentos” comuns ao maior número de crianças, na tentativa de a autora obter a “definição” de cidade dada pelas crianças do estudo, criando para tal uma taxonomia.

O questionário foi composto em quatro partes, com um total de 62 perguntas, abertas e fechadas, sendo algumas decompostas, respondido pelas próprias crianças.

<sup>5</sup> A escolha da autora por esta zona da cidade decorre da necessidade que há em realizar o trabalho de investigação ao mesmo tempo que a mesma desenvolve a sua actividade profissional, que é nesta zona.

<sup>6</sup> A escola propicia ambientes privilegiados para o desenvolvimento de trabalhos de campo (pesquisas empíricas) com crianças (Saramago, 2001).

- A 1ª parte diz respeito à identificação e caracterização sócio-familiar da criança;
- A 2ª parte refere-se às rotinas diárias e contextos de acção (gestão do tempo, das actividades, dos espaços e de actividades informais);
- A 3ª parte tem questões relacionadas com a mobilidade da criança em meio urbano;
- A 4ª parte aborda a percepção e a representação dos espaços da cidade.

## Conclusões:

Quanto às rotinas diárias não há grandes diferenças a assinalar, quer em termos da gestão dos tempos de vida, quer dos espaços. As diferenças que existem estão relacionadas com o género. A maioria das crianças 89,6% acorda entre as 7h00 e as 8h00 e residem próximo das escolas que frequentam. Relativamente ao entendimento que a criança tem sobre a proximidade ou não da escola a casa há 64,2% de crianças que referem viver perto e 35,8% referem viver longe. Quanto aos pensamentos que têm durante a realização desse percurso há 3,8% que não respondem à questão, 13,2% refere não se lembrar do que pensa. Quanto aos pensamentos mais frequentes os trabalhos da escola são os mais referidos com 24,5%, os amigos são referidos por 22,6% e os espaços físicos são mencionados por 18,9%; os pensamentos menos frequentes estão relacionados com as brincadeiras com 7,5%, a família com 5,7% e como vai ser o dia da escola com 3,8% de referências. O regresso a casa após a escola, para a maioria das crianças, 58,4%, é feito entre as 16h00 e as 17h00.

Quanto aos tempos de brincadeira, 56,6% das crianças referem brincar até 2 horas por dia. Os locais de eleição para a brincadeira e o jogo, aos dias de escola é o espaço do recreio das escolas para 71,6% das crianças e, ao fim de semana é o espaço doméstico, para 67,9% das crianças, quando brincam sozinhas. Brincam pouco na rua. Não há o brincar de descoberta na cidade. Nota-se que durante a semana há menos disponibilidade por parte dos pais para brincarem com os filhos. O género parece não ter influência no tempo de brincadeira entre a criança e os pais: aos dias de escola, 49,1% nunca brincam com a mãe e 39,6% nunca brincam com o pai; ao fim de semana, 24,5% nunca brincam com a mãe e 20,8% nunca brincam com o pai. Das crianças dos agregados familiares médio/alto 43,3%, referem brincar mais durante todo o fim-de-semana sendo que as meninas, 11,3% referem brincar durante todo o dia.

A maioria das crianças tem pouca independência de mobilidade. Andam pouco a pé, deslocam-se de automóvel, mesmo aquelas que moram perto da escola, 70,0% vão para a escola de carro e 22,6% vão a pé. No regresso a casa após a escola 62,2% vão de carro e 22,6% vão a pé. Habitam pouco o espaço urbano de Lisboa, nomeadamente o da sua área de residência, e bem assim não estabelecem relação com o espaço entre a residência e a escola ou locais das actividades informais. A percepção que têm do espaço urbano é normalmente mediada e não vivenciada pela experiência corporal dos espaços. As crianças vivem pouco a cidade e esta realidade não parece estar relacionada com a qualificação profissional dos pais. Quanto ao serem ou não capazes de indicar o local de trabalho dos pais, 45,2% das crianças sabe indicar o local do trabalho da mãe e 42,5% não sabe; quanto ao local de trabalho do pai, 28,3% das crianças sabe indicar o local e 54,7% não sabe.

A actividade mais comum realizada com os pais é ir passear e, em simultâneo, fazer compras, sobretudo de alimentos / roupa para 56,6% do universo em análise. Se tivermos em conta a qualificação profissional dos pais, passear é só mencionado pelas crianças do grupo mais favorecido e deste, apenas 11,3% das crianças o refere.

Os meninos têm uma maior variedade de comportamentos, de escolhas lúdicas, de locais e de companheiros. As meninas dão mais importância aos objectos e são mais sensíveis à organização do espaço. Os meninos referem sobretudo os espaços mais amplos e as formas geométricas.

Ao fim de semana são muito poucas as crianças que usam o espaço público urbano, quer sozinhas ou com amigos, quer ainda com familiares. Exemplo desta realidade é o dado referente ao local visitado no último fim-de-semana, 83,0% das crianças refere não ter saído de casa. Relativamente ao contacto com amigos da escola há 62,0% que embora vivam próximo uns dos outros só 37,0% brincam em conjunto e 25,0% não brincam. Quanto aos amigos que

vivem longe, 38,0%, há 11,0% das crianças que brincam, 23,0% não brincam e 4,0% não respondem à questão.

Independentemente das qualificações profissionais dos pais:

O grande desejo verbalizado pelas crianças é em termos gerais “sair de casa”. E as práticas desejadas estão relacionadas com o ar livre e o movimento corporal. É natural que assim seja porque os dados indicam que as crianças passam muito tempo “dentro de casa” (espaço doméstico, escola, outros locais de aprendizagem, clubes ...), o que exige por parte dos adultos e responsáveis políticos, a criação de situações que permitam e incentivem as crianças a olhar / habitar / viver a cidade. Está a criar-se uma criança “*corporalmente passiva*” (Neto, 1997).

O desenvolvimento humano ocorre sobretudo em dois domínios ou dimensões, percepção e acção, o que implica uma organização permanente do Eu, ou melhor, do *life space*<sup>7</sup> / espaço de vida ao longo do tempo e do espaço. O sentimento de pertença só existe quando existe o sentido de identidade do lugar que leva à estabilidade do relacionamento social, daí a importância de a criança necessitar, no seu processo de desenvolvimento, de experiências motoras em espaços amplos, diversificados, informais, com possibilidades de convívio com outros para desenvolver a dimensão espacial das inter-relações humanas. O desenvolvimento de experiências contextuais positivas e de qualidade são fundamentais para que a criança se torne num adulto mentalmente saudável e equilibrado.

Os dados evidenciam algumas descontinuidades e vazios nos ambientes de vida mais próximos da criança (microssistema), ou seja, nas relações com a família, amigos / colegas, brincadeiras, escola ... Por outro lado, os contextos de vida mais alargados (exossistema), ou seja, família alargada, amigos da família, serviços da comunidade ..., não aparentam grande suporte para a vida destas crianças.

As vivências quotidianas das crianças deste estudo não evidenciam possibilidades de adaptação progressiva ao espaço urbano, em termos de uso autónomo, a cidade não é *vivida*, e a representação que dela fazem é permanentemente mediada.

### Referências bibliográficas:

- ARÈZ, C. & NETO, C. (1999). The study of the independent mobility and perception of the physical environment in rural and urban children. Comunicação apresentada na XIV IPA World Conference *The Community of Play*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- BARRACHO, Carlos (2001). *Psicologia social ambiente e espaço – conceitos, abordagens teóricas e aplicações*. Lisboa, Instituto Piaget.
- BRONFENBRENNER, Urie (1979). *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge, Harvard University Press.
- (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- (1999). The ecology of developmental processes. In João Gomes-Pedro (Ed.), *Stress e violência na criança e no jovem*. Lisboa, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa (21-95).
- GOLOMBEK, Sílvia Blitzer (1993). *A sociological image of the city through children's eyes*. New York, Peter Lang, American University Studies, series XI, Anthropology and Sociology, vol. 58.

---

<sup>7</sup> *Life space* / espaço de vida (Lewin, 1931, ref. por Soczka, 1980) é entendido como todo o real que existe para o sujeito, real este que é vivido psicologicamente pela pessoa, através de causas conscientes e inconscientes, produzindo efeitos. O comportamento humano é o resultado da interacção dinâmica entre a pessoa e o seu ambiente ou meio. A pessoa não constrói o mundo, mas a sua noção de mundo. (Barracho, 2001).

- GOMES-PEDRO, João (1999). *A criança e a nova pediatria*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- HEURLIN-NORINDER, M. (1996), Children, environment and independent mobility, estudo incluído no projecto *Children-Traffic-Environment*, Education Institute of Stockholm
- HILLMAN, M. & Adams, J. (1992). Children's freedom and safety. *Children's Environments*, 9, 2, (11-22);
- JAMES, Allison, Jenks, Chris & Prout, Alan (reprinted, 1999). *Theorizing childhood*. Cambridge, Polity Press (1ª ed. 1998).
- KITTA, M. (1995). The affordances of urban, small town, and rural environments. Comunicação apresentada na conferência internacional, *Buildings Identities - Gender Perspectives on Children and Urban Space*, Amsterdam: Gender Studies Department of the Royal Dutch Geographical Society
- LABORIT, Henri (1971). *O homem e a cidade*. Mem Martins, Europa-América.
- LAMY, Michel (1996). *As camadas ecológicas do homem*. Lisboa, Instituto Piaget, (19-43 and 100-160).
- LYNCH, Kevin (1982). *A imagem da cidade*. Porto, Edições 70.
- MADEIRA, Francisco (1979). Organização da motricidade: princípios fundamentais. *LUDENS*, Cruz Quebrada, Instituto Superior de Educação Física, vol. 3. nº2/3, Jan/Jun, (23-33).
- MCKENDRICK, John H. (2000). The geography of children – an annotated bibliography. In Hugh Matthews & Fiona Smith (Ed.), *Childhood*. London, SAGE, vol.7(3), (359-387).
- NETO, Carlos (1997). Tempo e espaço de jogo para a criança: rotinas e mudanças sociais. In Carlos Neto (Ed.), *Jogo & desenvolvimento da criança*. Cruz Quebrada, Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa, (10-22).
- (1998). O desenvolvimento da criança e a perspectiva ecológica do jogo. In Ruy Krebs; F. Coppetti & T. Beltrame (D.), *Discutindo o desenvolvimento infantil*. Livro Anual, Santa Maria, Sociedade Internacional para Estudos da Criança, (161-174).
- (1999i). O jogo e tempo livre nas rotinas de vida quotidiana de crianças e jovens. *Tempos livres a criança o espaço a ideia*. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, Departamento de Acção Social (11-21).
- PIAGET, Jean (1993). *A representação do espaço na criança*. Porto Alegre, Artes Médicas (11-59).
- & Inhelder BARBEL (1997). *A psicologia da criança*. Porto, ASA, 1993, 1ª edição.
- PINTO, Manuel (2000). *A televisão no quotidiano das crianças*. Porto, Afrontamento.
- QVORTRUP, Jens (2000). Generation – an important category in sociological childhood research. In Eduarda Coquet (Coord.), *Congresso Internacional Os mundos sociais e culturais da infância*. Braga, Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, II vol. (102-113).
- ROCHE, Daniel (1999). *História das coisas banais*. Lisboa, Teorema p/ Círculo de Leitores.
- SANTOS, João dos (1982). *Ensaio sobre educação – I. A criança quem é?* Lisboa, Livros Horizonte.
- SARAMAGO, Sílvia (2001). Metodologias de pesquisa empírica com crianças. *Sociologia, problemas e práticas*. Oeiras, Celta Editora, nº 35, (9-29).
- SARMENTO, Manuel (1999). Introdução. In Manuel Pinto e Manuel Jacinto Sarmento (Coord.), *Saberes sobre as crianças – Para uma bibliografia sobre a infância e as crianças*

- em Portugal (1974-1998)*. Braga, Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho (9-22).
- SARMENTO, Manuel & Pinto, Manuel (1997). As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In Manuel Pinto e Manuel Jacinto Sarmento (Coord.), *As crianças – contextos e identidades*. Braga, Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho (7-30).
- BANDEIRA, Alexandra e Dores, Raquel (2000). *Trabalho domiciliário infantil*. Lisboa, Ministério do Trabalho e da Solidariedade.
- SOCZKA, Luís (1980). A perspectiva ecológica em psicologia. *Análise Psicológica*. Lisboa., Instituto Superior de Psicologia Aplicada, I,1 (11-35).
- TOPALOV, Christian (1994). Marché, solidarité, équité. *La ville*. Paris, Le Courrier du CNRS 81, (81-82).
- VAN DER SPEK, M. & NOYON, R.(1995). Children's freedom of movement in the streets. Comunicação apresentada na conferência internacional *Buildings Identities - Gender Perspectives on Children and Urban Space*, Amsterdam: Gender Studies Department of the Royal Dutch Geographical Society.
- VERCESI, M. (1999). Milan: a city at play? A survey of the independent mobility of children. Comunicação apresentada XIV IPA World Conference *The Community of Play*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.